

## John Donne: considerações sobre vida e obra

**Abstract:** This article aims at presenting some information about the life of the English poet John Donne (1572-1631) as well as relating it to his writings. So Donne's works are presented since his *Satyrs*, work of his youth, to his *Sermons*, a result of his artistic maturity, also mentioning his amatory and religious poetry. In the analysis of some of his works, Donne's most peculiar stylistic resources are highlighted, such as the concept of wit. Eventually, the reception given to Donne's works – mainly to his poetry – in his afterlife is emphasized, especially during the 20<sup>th</sup> century.

**Keywords:** John Donne, biography, poetry.

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar dados relevantes acerca da vida do poeta inglês John Donne (1572-1631), bem como relacioná-los com sua obra. Apresenta-se então a obra do poeta desde as *Sátiras*, obra da juventude, até os *Sermões*, obra da maturidade artística, passando-se pela poesia lírico-amorosa e religiosa. Na análise de algumas obras, destacam-se os seus recursos estilísticos mais peculiares, como o "wit". Por fim, ressalta-se a recepção que a obra – sobretudo poética – de Donne recebeu da posteridade, especialmente no século XX.

**Palavras-chave:** John Donne, biografia, poesia.

### Introdução

"Nenhum homem é uma ilha", escreveu o poeta inglês John Donne. Muito embora essa seja uma citação bastante freqüente hoje em dia, poucos sabem da vida de seu autor, um poeta que, em muitos sentidos, foi uma ilha.

Donne nasceu em 1572 e morreu em 1631, tendo vivido, portanto, aproximadamente metade de sua vida no século XVI e metade no século XVII. É ponto comum da crítica literária assinalar a dificuldade em se classificar as tendências da poesia inglesa no período imediatamente precedente e posterior ao início do século XVII. Havia, ao mesmo tempo, o influxo de diferentes poetas realizando obras díspares em muitos aspectos. Assim, é de se notar que, quando Donne começou a escrever, por volta de 1593, grande parte da obra de Edmund

Spenser (poeta de uma geração anterior à sua) ainda estava para ser publicada.

Nesse “entreato” da literatura inglesa ficariam encerrados os longamente malfadados “poetas metafísicos”, como Donne, Marvell, Crashaw e Herbert. Muito tempo foi necessário para que a poesia de autores como Donne deixasse de ser um “acidente” curioso na literatura inglesa, para tornar-se realmente um acontecimento literário, ou seja, muito tempo foi necessário para se descobrir essa ilha curiosa, que cada vez mais se arroja a continente.

A partir disso, este artigo tem por objetivo apresentar alguns dados acerca da vida de Donne, relacionando-os com sua obra, a fim de compreendê-la melhor, e também destacar a repercussão que ela teria na posteridade. As referências biográficas a seguir estão baseadas em três obras: *A Preface to Donne*, de James Winny, *Donne: life, mind and art*, de John Carey, e *John Donne: the reformed soul*, de John Stubbs.

### **A reforma inglesa e o catolicismo sitiado**

Nascido em 1572, em uma família católica, John Donne foi filho de um comerciante de ferragens, também chamado John Donne, e de Elizabeth Heywood, filha de um escritor elisabetano menor, John Heywood. Donne recebeu sua primeira educação provavelmente de um tutor, ingressando mais tarde em Hart Hall, na Universidade de Oxford, já aos doze anos, juntamente com seu irmão Henry, provavelmente com onze. Ambos eram aproximadamente quatro ou cinco anos mais jovens que a maioria dos outros estudantes. Assim, mesmo para a época, era um início prematuro. Contudo, havia uma razão para isso. Aos dezesseis anos, os universitários deviam respeitar o Ato de Supremacia (“Pact of Supremacy”), pelo qual se confirmava Elizabeth como verdadeiro chefe da Igreja na Inglaterra. A fim de evitar algo que seria inadmissível para um católico – negar a autoridade papal –, a mãe de Donne provavelmente procurou que seus filhos obtivessem um diploma antes de atingirem a idade em que deveriam prestar o Ato de Supremacia. No entanto, devido à mesma lei, Donne teve de deixar a universidade, em 1588, sem diploma.

O “Ato de Supremacia” foi uma das muitas iniciativas político-religiosas da reforma que irrompera na Inglaterra anos antes. O estopim desse cisma religioso teria sido a pretensa negativa papal em invalidar o casamento de Henrique VIII (que reinou entre 1509 e 1547) com Catarina de Aragão, em 1527. Contudo, as sementes reformistas vinham de antes. Homens como Thomas More (coincidentemente tio-avô da mãe de Donne) e John Fisher desejavam corrigir os erros da

Igreja Romana, ainda que não aceitassem o fato de um cristão abandonar a sua Igreja, como acontecera no caso alemão. No entanto, efetivado o cisma e votadas pelo Parlamento da Reforma (1529-1536) as medidas coercitivas contra os que não aceitavam a nova Igreja, a resistência tanto de More quanto de Fisher em abandonar o catolicismo acabaria por lhes custar a vida (Maurois, 1959, p. 187).

Durante o reinado do sucessor de Henrique VIII, Eduardo VI (1547-1553), coroado ainda menino, a influência protestante começou a se fazer sentir mais acentuadamente por meio de seu tutor, o bispo Cranmer. Em 1549, surge o *The Book of Common Prayer* ("O Livro de Oração Comum"), composto em inglês a fim de rejeitar o emprego da língua latina nos ofícios religiosos. Em 1552, os "42 Artigos de Religião", criados para fixar a norma de fé do anglicanismo, já espelhavam muitas idéias protestantes, como a permissão ao matrimônio dos religiosos (Regina, 1960, p. 22-3).

Maria Tudor sucedeu a Eduardo (morto aos dezesseis anos) em 1553. O principal objetivo da nova rainha seria o de restabelecer o catolicismo na Inglaterra, tarefa na qual não obteve sucesso. A violência para com os protestantes em seu reinado – cujas medidas vitimariam, entre centenas de outros protestantes, ao próprio Cranmer – acabaria enfim por ir contra a causa católica (Regina, 1960, p. 24).

Em 1558, termina o curto reinado de Maria Tudor e inicia o de Elisabeth. Apesar de jurar-se católica, Elisabeth restabelece o uso do *Prayer Book* e persegue tanto católicos quanto puritanos. Em seu reinado, os "42 Artigos de Religião" redigidos por Cranmer são revistos e reduzidos a 39, sendo o intuito da rainha então o de estabelecer um consenso sobre a verdadeira religião (Regina, 1960, p. 26), o que de fato não ocorreu.

Os católicos que não aceitavam o Ato de Supremacia eram chamados de "recusantes" (*recusants*). Inicialmente, a Rainha aceitou coniventemente que os recusantes lhe jurassem lealdade como chefe político, apesar de aceitarem apenas o Papa como autoridade religiosa. Todavia, a sua postura tolerante foi abandonada quando o Papa a excomungou em 1570. A insurgência dos recusantes inconformados em serem governados por uma herege forçou a coroa a decretar uma série de leis anticatólicas e a dispensar tratamento brutal entre os recusantes fiéis ao papado, que eram constantemente vigiados.

## Os estudos e a primeira poesia

Os universitários católicos eram igualmente observados. Hart Hall era uma das poucas instituições de ensino a oferecer refúgio, ainda

que extra-oficialmente, a católicos. Ali Donne distinguiu-se como um aluno brilhante, dedicando-se profundamente aos estudos, o que não significa que não tenha se dedicado também às diversões típicas do meio estudantil da época. No entanto, como já mencionamos, Donne seria forçado a sair de Oxford sem obter o diploma. Seria mais adequado a um católico abandonar os estudos do que se expor como tal, recusando-se ao Ato de Supremacia.

Os anos da adolescência do poeta são um tanto obscuros. Há um lapso de informações biográficas que já permitiu uma série de hipóteses controversas. Especula-se inclusive que Donne tenha passado algum tempo viajando pelo continente europeu. No entanto, para John Stubbs, o poeta de fato permaneceu na Inglaterra durante esse período (2006, pp. 22-3).

Informações sobre Donne reaparecem em 1591, quando ele e seu irmão Henry ingressam nos “Inns of Court” (Thavies Inn, em 1591 e Lincoln’s Inn entre 1592-4)<sup>1</sup>. Contudo, na primavera de 1593, Henry é acusado de felonía. Um homem suspeito de ser padre teria sido flagrado em seus aposentos, fato então reputado como ato de traição à Rainha, pois rituais católicos estavam proibidos. Mediante tortura, Henry confessou que o suspeito era de fato um religioso, levando o padre a ser sentenciado à morte. Henry, por sua vez, foi também preso, mas morreu pouco tempo depois devido à peste, antes de ir a julgamento.

É por essa época que se pode datar o início de uma crise religiosa em Donne. Segundo Carey, se Donne abandonasse o catolicismo, enfrentaria muitos problemas com sua família extremamente católica, sem mencionar seus próprios problemas de consciência. Por outro lado, se não optasse pelo anglicanismo, teria poucas chances de ascensão na sociedade, cujos principais postos eram ligados à coroa, sem falar no risco em seguir também ele o destino do irmão morto (Carey, 1990, p. 11).

Durante seus anos de estudante, Donne já ficara popular entre seus colegas devido aos seus epigramas. Ao abandonar a universidade, sem obter novamente nenhum diploma, Donne já começara a escrever as *Songs and Sonnets* (“Canções e Sonetos”), poemas responsáveis por sua fama até hoje. Por essa época, já teria igualmente escrito a “Sátira III”, poema que assinala a sua indecisão religiosa de então<sup>2</sup>:

(...) Procura a religião correta. Onde?  
Mirreu,  
Por crer que, expulsa do país, se  
escafedeu,  
Vai procurá-la em Roma; e a causa por-  
que o faz

(...) Seek true religion. O where?  
Mirreus,  
Thinking her unhous’d here, and fled  
from us,  
Seeks her at Rome; there, because he  
doth know

É que lá se instalou há mil anos atrás.  
 Ama-lhe os trapos, como se reverencia  
 O dossel que, ontem mesmo, o Príncipe  
 cobria.  
 A isso Grantz não se prende, e desafios  
 não ama;  
 Ama, porém, aquela que Genebra  
 chama  
 De religião, jovem, comum, chata, sem  
 jeito,  
 Grosseira e desdenhosa (...)<sup>3</sup>.

That she was there a thousand years  
 ago,  
 He loves her rags so, as we here obey  
 The statecloth where the prince sate  
 yesterday.  
 Crantz to such brave loves will not  
 be enthral' d,  
 But loves her only, who at Geneva is  
 call' d  
 Religion, plain, simple, sullen,  
 young,  
 Contemptuous, yet unhandsome;  
 (...).

Para Carey, esse poema é crucial para compreendermos a primeira fase adulta de Donne (1990, p. 12). Conforme afirma Stubbs, por essa época, Donne já se debatia entre o passado católico e as filiações protestantes no presente. Ainda segundo Stubbs, a sua terceira sátira não seria muito satírica, mas, antes disso, um pedido de ajuda de uma mente perdida em seus labirintos. A vida de Donne consistiria em nada mais do que uma busca pela “eternidade certa”, o que envolvia uma busca pela igreja correta à qual se filiar (2006, pp. 94-5).

### **O estilo de Donne e *Songs and Sonnets***

Neste ponto, é importante mencionarmos o estilo de Donne frente à poesia da época. Como afirma Stubbs (2006, pp. 28-9), Donne pôs-se contra as correntes convencionais do gosto poético de seu tempo. É difícil encontrar algum poeta contemporâneo seu que pudesse tê-lo influenciado. Em vez disso, os modelos de Donne para a sua primeira poesia teriam sido os satiristas latinos e o Ovídio dos *Amores*. De fato, Andrew Hadfeld elenca os nomes de Ovídio, Catulo, Marcial e Juvenal como os principais autores da Antiguidade a influenciar Donne (2006, p. 49). No entanto, o classicismo de Donne é diferente daquele de seu contemporâneo Ben Jonson, por exemplo. Este último procurava imitar os clássicos em seu estilo claro e objetivo, abordando temas universais como forma de alcançar a eternidade através de sua poesia. Donne, por sua vez, procurava captar a imediatidade da poesia erótica de Ovídio e o escárnio da poesia de Juvenal quanto às mazelas da vida urbana (Hadfeld, 2006, p. 50).

Mais complexa e ambivalente é a relação de Donne com o petrarquismo, que dominou a poesia inglesa no período por volta de 1580 a 1590 (Hadfeld, 2006, p. 55). É comum atribuir-se a Donne o papel de primeiro poeta a romper com a tradição petrarquista, trazendo

ainda inovações estilísticas que dariam origem à chamada “poesia metafísica” (Sampson, 1999, p. 166).

No entanto, esse ponto de vista não é unânime. Para os poetas italianos do Renascimento, havia duas abordagens do petrarquismo: a primeira, a do soneto amoroso construído sobre temas universais e emoções eternas; a segunda, a da lírica extravagante (provavelmente criada com a intenção de parodiar a tradição), revelando-se por meio de argumentos fantásticos e emocionalismo excessivos. Assim, para Shawcross e Emma, enquanto que, na Inglaterra, os poemas de Sidney e Spenser seguiam a primeira tendência, Donne e seus imitadores teriam desenvolvido a segunda. Isso, portanto, não significa que Donne fosse “antipetrarquista”, mas que usara o petrarquismo de uma maneira diferente da habitual (1969, p. 4). Assim, podemos encontrar em meio aos poemas de *Songs and Sonnets* exemplares como o da Canção “Go and catch a falling star” (“Apanha a estrela cadente”):

(...) Tens visões e profecias?  
Ao invisível se atreve;  
Vai dez mil noites e dias,  
Cobre os cabelos de neve.  
Narra-me então o que à frente  
Te surgiu de surpreendente,

E jura  
Loucura

Crer que há mulher bela e pura (...)<sup>4</sup>.

(...) If thou be'st born to strange sights,  
Things invisible to see,  
Ride ten thousand days and nights,  
Till age snow white hairs on thee,  
Thou, when thou return'st, wilt tell me,  
All strange wonders that befell thee,  
And swear,  
No where

Lives a woman true and fair (...).

Se, por um lado, encontramos na lírica-amorosa donneana poemas que ironizam a tendência petrarquista de deificar a mulher e hiperbolizar os sentimentos do amante frustrado, como vimos acima, encontramos, por outro, uma vertente que canta o amor correspondido e consumado, tanto sentimentalmente quanto fisicamente (cf. Winny, 1973, p. 120). Fazendo parte dessa última vertente, “The Canonization” (“A canonização”) traz muitas características fundamentais da poesia donneana:

#### A Canonização

Por amor de Deus cala-te, e deixa-me  
amar  
Ou critica o meu marasmo, ou a minha  
gota,  
Escarnece meus cinco cabelos brancos,  
ou minha ruína.  
Melhora o teu estado com riquezas, tua  
mente com as artes,

#### The Canonization

For God's sake hold your tongue,  
and let me love ;  
Or chide my palsy, or my gout ;  
  
My five gray hairs, or ruin'd fortune  
flout ;  
With wealth your state, your mind  
with arts improve ;

Vai tirar um curso, arranja um emprego,  
Atende a Sua Senhoria, ou a Sua Graça,  
O Rei real, ou a sua face estampada,  
contempla.

Intenta o que quiseres, eu aprovo,  
Desde que me deixes amar.

Ai de mim, a quem ofende o meu amor?

Quantos cargueiros afundaram os meus  
suspiros?

Quem acusa minhas lágrimas de inun-  
darem suas terras?

Minhas frialdades afastaram alguma  
precoce Primavera?

Quando é que os calores acumulados  
nas minhas veias

Acrescentaram mais um nome ao rol da  
peste?

Os soldados encontram guerras, e os  
advogados ainda acham

Homens litigiosos que procuram con-  
flitos,

Embora ela e eu amemos.

Chama-nos o que quiseres, somos as-  
sim feitos pelo amor;

Chama-lhe a ela uma, e a mim outra,  
traça;

Também somos pavios e às nossas cus-  
tas perecemos,

E em nós próprios encontramos a águia  
e a pomba.

O enigma da Fênix tem maior agudeza  
conosco,

Nós os dois sendo um, o condensamos.

De tal modo a um ser neutro ambos os  
sexos se ajustam,

Que desfalecemos e ascendemos como  
um só, provando

Ser Misteriosos por este amor (...)<sup>5</sup>.

Take you a course, get you a place,  
Observe his Honour, or his Grace ;  
Or the king's real, or his stamp'd  
face

Contemplate; what you will, approve,  
So you will let me love.

Alas ! alas ! who's injured by my  
love?

What merchant's ships have my  
sighs drown'd?

Who says my tears have overflow'd  
his ground?

When did my colds a forward  
spring remove?

When did the heats which my  
veins fill

Add one more to the plaguy bill?

Soldiers find wars, and lawyers  
find out still

Litigious men, which quarrels  
move,

Though she and I do love.

Call's what you will, we are made  
such by love ;

Call her one, me another fly,

We're tapers too, and at our own  
cost die,

And we in us find th' eagle and  
the dove.

The phoenix riddle hath more wit

By us ; we two being one, are it ;

So, to one neutral thing both sexes  
fit.

We die and rise the same, and  
prove

Mysterious by this love (...).

## The Canonization

Na primeira estrofe, encontramos um traço recorrente na poesia de Donne, tanto profana quanto religiosa: o uso de uma linguagem coloquial. De forma súbita, o eu-lírico – como que interrompendo uma possível discussão sobre o seu amor – começa a elaborar a sua “fala”. O impacto emocional decorrente dessa linguagem coloquial, segundo

Winy, é maior do que aquele provocado pelos “topoi” da literatura convencional da época. A organização estrófica – que raramente se repete na obra do poeta inglês – reflete o tom dialógico do poema, criando variações rítmicas (Winy, 1973, p. 96). Ademais, o tom dramático dos poemas donneanos – como ocorre em “A Canonização” – já foi mais de uma vez analisado pela crítica (cf. Pierre Legouis in Gardner, 1962, p. 36, nº1). Já na terceira estrofe, o eu-lírico inicia uma série de metáforas a respeito do amor mútuo entre si e sua amada. São mostras exemplares do “wit”<sup>6</sup> de Donne: os amantes não são velas que, depois de acesas, queimam por conta própria até se extinguirem. Mais do que isso, eles dão novo significado à lenda da fênix, que, no final do dia, queima para ressurgir das cinzas pela manhã. Assim, o eu-lírico mantém a idéia do fogo – amor – mas transforma engenhosamente as metáforas para construir o desenvolvimento do poema.

A busca pelo “wit” – essa agudeza ou engenho verbal de criar imagens inusitadas – tornar-se-ia uma constante na poesia de Donne e de uma série de poetas que veriam ali um modelo a ser seguido. Poetas que – por isso – acabariam por receber a alcunha de “metafísicos”. Como afirma o crítico George Williamson, no século XVII, o poder da metáfora era com freqüência considerado como a força básica da poesia (1962, p. 24). Segundo Winy, o uso do “wit” tem suas raízes na retórica formal, que havia sido redescoberta e popularizada pouco antes de Shakespeare iniciar a sua carreira (1973, p. 92). Para um crítico da época, John Hoskins, o “wit” poderia ser de certa forma definido como o “poder de criar surpresa emocional pela combinação ou contraste inesperados de idéias ou imagens geralmente diversas, especialmente retiradas de coisas incompatíveis ou opostas” (apud Williamson, 1962, p. 25). No entanto, a crítica acerca desse termo é vasta e conflituosa. Joseph Anthony Mazzeo (in Clements, 1966) arrola algumas teorias acerca da origem do estilo dos metafísicos ingleses, baseado este no emprego do “wit”. Entre elas, há a “teoria do emblema”, segundo a qual o procedimento metafórico dos metafísicos teria origem na arte pictórica, e ainda a teoria que liga a poesia metafísica ao conceptismo barroco e a outras tendências do mesmo período. Nesse sentido, podemos fazer certa relação entre alguns recursos usados pelos metafísicos e aqueles de que se valeram autores mais próximos a nós como Gregório de Matos e Padre Antonio Vieira, por exemplo.

O primeiro autor inglês a valer-se do “wit” como recurso propriamente literário foi John Lyly, com sua novela *Euphues*, publicada em 1578, cujo subtítulo era justamente “The Anatomy of Wit” (“A Anatomia do Wit”, cf. Winy, 1973, p. 93) e que deu origem ao chamado

“eufuismo”. No entanto, ao contrário do que geralmente se dava no eufuismo, em que analogias inventivas serviam para decorar retoricamente uma idéia, com Donne, o conceito torna-se não raro o centro do poema, sendo então desmembrado analiticamente a fim de que seu emprego se torne progressivamente mais claro para o leitor. Não é por acaso que grande parte das *Songs and Sonnets* carregam no título o conceito que move a sua própria construção. Do mesmo modo, em “A Canonização”, o poeta afirma que o seu amor é puro e que a consumação desse amor seria como que uma morte dos amantes para o mundo, depois da qual eles renasceriam iguais, como a fênix. Donne então vale-se do verbo “to die” (“morrer”) para se referir à saída dos amantes do mundo. No entanto, o mesmo verbo, na época, era usado no sentido da “experiência da consumação do ato de amor”. Assim, o poeta indica que seu amor não é mera luxúria, fato que se torna a justificativa da canonização do casal como também da metáfora da fênix (cf. Brooks in Clements, 1966, p. 182). Em Donne, portanto, o “wit” dá origem a um conceito que serve como fio condutor do poema, emergindo ao final como conclusão inevitável dos argumentos fornecidos durante o desenvolvimento.

### **A conversão de Donne ao Anglicanismo**

Ao entrar na vida adulta, Donne já teria se convertido ao anglicanismo. Segundo o biógrafo John Carey, toda a obra de Donne responderia a essa transformação religiosa. A apostasia do poeta não teria sido súbita, mas lenta. Ainda conforme o mesmo autor, o fato é que a opção do poeta pelo anglicanismo teria se dado principalmente por sua ambição em seguir uma carreira pública ligada à Corte, além de sua posição de intelectual – atento que estava às disputas religiosas da época e inconformado com as superstições que, a seu ver, ainda grassavam na Igreja Romana. Por fim, Carey salienta que, entre os motivos da apostasia de Donne, estaria incluída também uma possível reação contra a formação católica que, para ele, provocara a morte de seu irmão (Carey, 1990, p. 17).

Depois de participar como soldado das expedições inglesas aos Açores e a Cádiz, Donne – já um anglicano pelo menos na aparência – consegue, por volta de 1597, um posto como secretário de Sir Thomas Egerton, chanceler-mor do Reino. Entretanto, esse ingresso auspicioso junto a uma casa nobre é baldado após Donne apaixonar-se por Anne More, sobrinha de Egerton, o que redundou no casamento secreto dos amantes em dezembro de 1601. Esse casamento não apenas custaria a prisão temporária do poeta – motivada pelo pai de Anne – como tam-

bém seu posto junto a Egerton e a estabilidade financeira. Mais do que isso, ao trair a confiança do chanceler-mor do Reino, Donne perdeu a confiabilidade necessária a alguém que desejava ascensão social na Corte em cargos de maior vulto. De repente, o futuro que Donne já divisava à sua frente ruía.

Com a morte de Elisabeth (em 24 de março de 1603), assume James VI, rei da Escócia, – tornando-se então James I – um calvinista dedicado com fervor a estudos teológicos. Muito embora a ascensão do filho de Maria Stuart tivesse feito muitos católicos pensarem que as perseguições terminariam, o novo rei tomou providências idênticas às de Elisabeth, principalmente quanto ao Ato de Supremacia. O descontentamento dos católicos irromperia tempos depois com a “Gunpowder Plot” (“Conspiração da Pólvora”), em 1605, quando alguns nobres decidiram atentar contra a vida do rei, explodindo a Câmara dos Lords. O fracasso da conspiração criou um ambiente pior ainda aos católicos, que então não somavam mais do que vinte por cento da população (Maurois, 1959, pp. 241-3).

## A poesia religiosa

O panorama artístico jacobino foi, em muitos aspectos, diverso do elisabetano. Segundo James Doelman (1994), um dos principais aspectos culturais advindos da ascensão de James ao trono inglês, em 1603, foi o fortalecimento da poesia religiosa. De fato, esta já apresentara um crescimento na última década do reinado de Elisabeth como uma alternativa à pretensa licenciosidade da poesia de cunho petrarquista ou ovidiano. Como vimos, a chegada de James sugeria uma série de mudanças à corte da época. Por um lado, esperava-se uma volta da Inglaterra ao catolicismo; por outro, novas oportunidades àqueles que haviam sido preteridos por Elisabeth. James era um entusiasta da teologia como o era da poesia religiosa. Ele próprio cultivava ambas. Assim, a produção de tais textos – dedicados obviamente ao rei – logo apresentou-se como uma oportunidade ideal para a obtenção de seus favores. James de fato encorajou esse tipo de produção, em especial a teológica.

Por volta de 1605, já com uma família numerosa, Donne viu-se forçado a aceitar um posto oferecido por Thomas Morton, um dos capelães do rei. Ironicamente, a tarefa que cabia a Donne era a de convencer recusantes a abandonarem a fé católica. Donne saiu-se bem no trabalho, sendo que, tempos depois, Morton iria convidá-lo a ingressar como pastor na Igreja Anglicana; convite este que, desta vez, Donne recusaria.

Já em 1610, Donne escreve *Pseudo-Martyr*, trabalho no qual defende a idéia de que os católicos deveriam prestar o Ato de Supremacia,

argumentando que as penas que adviessem dessa negativa não poderiam ser consideradas um martírio, uma vez que tal sofrimento poderia ser evitado. Para Donne, o verdadeiro mártir era aquele que sofria contra a própria vontade por sua fé, ou seja, sem a sua participação na busca do sofrimento. Nesse sentido, não haveria mártires na Inglaterra, mas sim pseudomártires. Donne logo presenteou o Rei com seu livro, que foi bem recebido tanto por James quanto pelo público em geral (Carey, 1990, pp. 17-9).

Donne, no entanto, não obteve o que queria: o ingresso na vida pública. James insistia para que Donne ingressasse na vida religiosa, a qual era considerada pelo poeta inapropriada e indigna para cavaleiros. Seu desejo sempre fora o de ser um cortesão e não um religioso. Problemas familiares e desespero financeiro fizeram-no, entretanto, ingressar na Igreja Anglicana em 1614, assumindo um posto em janeiro de 1615.

Se a influência de James e os interesses profissionais de Donne não explicam toda a sua poesia religiosa, explicam pelo menos uma parte. No entanto, é inegável que o panorama cultural da corte dos Stuart, bem como as mudanças pessoais sofridas pelo poeta, espelham-se no caminho que sua obra tomaria depois do final do reinado de Elisabeth, apresentando um desaparecimento progressivo de seus escritos profanos.

Consoante afirma o crítico Frank Kermode, a mudança do foco de criação de Donne da poesia profana para a religiosa<sup>7</sup> não ocasionou o abandono do “wit” por formas poéticas menos extravagantes. Mais do que isso, para Kermode, a compreensão donneana de “wit” ligava-o à pregação bíblica. Para Donne, o “wit” encontraria lugar destacado na Bíblia, especialmente nos Salmos. Vejamos, por exemplo, um trecho do Soneto Sacro II:

Como por muitas causas eu devo abandonar-me  
Em tuas mãos, ó Deus, primeiro porque feito  
Por ti, e para ti, depois porque sujeito

A quedas, com teu sangue vieste resgatar-me.  
Teu filho sou, contigo de luz eu me ilumino;  
Teu servo, cujas dores ainda recompensas;

As due by many titles I resigne

My selfe to thee, O God, first I was made  
By thee, and for thee, and when I was decay'd  
Thy blood bought that, the which before was thine;  
I am thy sonne, made with thy selfe to shine,  
Thy servant, whose paines thou hast still repaid,

Sou tua ovelha e Imagem, e até fazer  
ofensas  
A ti, templo do teu Espírito divino.  
Por que, então, me usurpa o espírito  
nefando?  
Por que rouba o que é teu, ou melhor, o  
arrebata? (...)<sup>8</sup>

Thy sheepe, thine Image, and, till I  
betray'd  
My selfe, a temple of thy Spirit divine;  
Why doth the devill then usurpe on  
mee?  
Why doth he steale, nay ravish that's  
thy right? (...)

No soneto acima, a alma do sujeito poético – metonimicamente entendida como a alma de toda a humanidade – é comparada a um título de dívida, sobre o qual Deus tem o direito de cobrança. O objeto do contrato seria assim a própria alma humana. A ação de Deus – enviando Cristo para redimir a queda humana com Adão – é então comparada a um duplo pagamento, no sentido de que o Senhor adquiriu novamente o que já era Seu. Nesse sentido, a ação demoníaca, imbuída da tarefa de causar novamente a perdição humana, é inevitavelmente uma usurpação, pois a propriedade da alma humana é um direito reafirmado de Deus, por meio do sacrifício de Seu Filho. É curioso vermos como Donne se vale da casuística jurídica para tratar de um tema de teor tão elevado como a religião. Portanto, o “wit” típico de sua poesia erótica não desapareceu na religiosa, mas permaneceu inclusive nos *Sermões*.

### “Nenhum homem é uma ilha”

Do tempo que vai de seu casamento até o ingresso na Igreja, Donne praticamente não teve nenhum posto fixo. Como afirma Carey, obtinha fundos por intermédio de amigos e de patronos, a quem dedicava poemas. Ainda segundo o crítico inglês, é possível que grande parte de sua poesia lírico-amorosa – à qual Donne deve o status poético atual – tenha sido escrita em grande parte visando a comissões, mediante um comportamento de certa forma mendicante e parasitário, mesmo que na época isso não fosse estranho (Carey, 1990, p. 79).

Ao ingressar na vida religiosa, Donne desempenhou suas tarefas com dedicação. Já em abril de 1615, receberia o título honorário de doutor em Teologia por Cambridge, muito embora devido somente à influência de James.

Em 1617, Donne perde sua mulher Anne. Depois de dar à luz doze filhos e perder cinco, Anne morre por complicações em um novo parto. Sua morte foi então muito sentida pelo poeta.

Nos anos seguintes, Donne tornou-se um dos maiores oradores sacros da Inglaterra, o que redundaria na sua indicação para Deão da Catedral de Saint Paul em 1621<sup>9</sup>. Como afirma o crítico inglês Douglas

Bush, é quase impossível exagerar a importância do sermão na Inglaterra do século XVII (1990, p. 312), e os sermões de Donne são o fruto literário de sua maturidade. O fato é que o ex-católico Donne tornou-se um daqueles homens que ajudariam a estabelecer a “via media” anglicana (ibidem, p. 326).

Em 1623, Donne, por sua vez, é acometido por uma grave doença. Pensando estar à beira da morte, o poeta reflete sobre a proximidade de seu fim e escreve as *Devotions Upon Emergent Occasions*, lançadas em 1624 (Nelson, 2006, p. 245). Nesse trabalho, pouco lido em sua totalidade, encontram-se, curiosamente, as frases mais citadas do poeta inglês<sup>10</sup>:

Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado, todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntei: Por quem os sinos doam; eles doam por vós<sup>11</sup>.

No entanto, a morte acometeria o poeta apenas anos mais tarde. Donne sai do leito em que convalescia para pregar seu último sermão em 25 de fevereiro de 1631, morrendo a 31 de março do mesmo ano. Seu último sermão, *Death's Duell* (“Duelo de morte”), é lúgubre, sendo que o poeta sonhava em morrer enquanto o pronunciava:

Agora, isso que é tão peculiar a Ele, que *sua carne não verá corrupção* em sua *segunda vinda*, em sua vinda para o *Julgamento*, estender-se-á a todos os que estiverem então vivos, sua *carne* não deverá *ver corrupção*, pois...*não dormiremos todos,..., mas seremos todos mudados*. Num instante, teremos uma *dissolução*, e, *no mesmo instante*, uma *reintegração*, uma *recompactação de corpo e alma*, e isso será verdadeiramente uma morte e verdadeiramente uma ressurreição, mas sem sono, sem corrupção. Mas para nós que morremos agora e dormimos no estado dos mortos, deveremos todos nós passar essa morte *póstuma*, essa *morte* após a *morte*...<sup>12</sup>.

Por fim, o poeta reconhece a vitória da morte, mas também a esperança na ressurreição. Carey (1990) salienta que, se Donne tivesse abandonado a Igreja Romana por interesses mundanos, ele teria se sentido culpado e em pecado mortal pelo resto de sua vida. Nesse sentido, Donne teria evitado o martírio em nome da ambição. Para Carey, isso talvez explicasse a nota de culpa e o sentimento de abandono por parte de Deus que seriam refletidos em muitos dos *Sonetos Sacros*<sup>13</sup>. No entanto, nenhum biógrafo relata arrependimento e culpa em seus últimos dias, mas sim serenidade e espera.

## Donne na posteridade

Depois de sua morte, Donne continuou sendo imitado por poetas que viam nele um exemplo a ser seguido. Assim, poetas como George Herbert, Thomas Carew e Andrew Marvell cultuariam em seus versos o “wit” donneano durante o restante do século XVII. O poeta e crítico John Dryden, por sua vez, cunharia o termo “metafísico” para Donne, o qual se tornaria – agora em tom pejorativo – o rótulo de sua poesia e da de seus seguidores. No século XVIII, o crítico Samuel Johnson retomaria as palavras de Dryden, criticando o estilo duro de Donne e o uso de conceitos em sua obra. Depois disso, afora certo relance entusiasmado do romântico Coleridge, pouca atenção seria dada a Donne até o século XX (cf. Haskin, 2006, pp. 233-9).

A revalorização da obra do poeta inglês só seria possível a partir do trabalho de Sir Herbert Grierson, primeiro editor dos poemas de Donne a interessar-se pela obra do poeta dentro de um ambiente acadêmico. Seria o lançamento de sua edição de *Metaphysical Lyrics and Poems of the Seventeenth Century*, em 1921, que daria ensejo a uma resenha de T.S. Eliot. Este último é até hoje considerado o grande responsável pela redescoberta dos metafísicos e especialmente de Donne, tendo afirmado que esses poetas seriam precursores da poesia da modernidade (Haskin, 2006, pp. 239-242).

Eliot afirma em seu famoso ensaio “Os poetas metafísicos” que os poetas do século XVII – sobretudo Donne – teriam tido suas formas de sentir diretamente alteradas por “suas leituras e seu pensamento” (1989, p. 120). O pensamento havia se dado para os poetas metafísicos como uma forma de experiência, a qual teria mudado sua sensibilidade. Os metafísicos não seriam poetas meramente intelectuais, mas o esforço intelectual de tal forma fora impregnado em suas vidas que tudo poderia ser embarcado no mesmo todo, como parte de seu mundo – por assim dizer – “poetizável”. No entanto, segundo Eliot,

no século XVII teve início uma dissociação da sensibilidade, da qual jamais no recuperamos; e essa dissociação, como é natural, viu-se agravada pela influência dos dois mais vigorosos poetas do século, Milton e Dryden (idem, p. 122).

Essa sensibilidade “unificada” – como vigeria na época de Donne, segundo o crítico norte-americano – foi o que desapareceu e não deveria ter desaparecido. Em grande parte devido ao Romantismo, que teria tentado refletir acerca da emoção em vez de juntar intelecto e coração numa experiência una, a poesia teria sofrido – para Eliot – grandes prejuízos com essa dissociação indesejada. Assim, somente com a

modernidade teriam aparecido poetas que operariam com recursos estilísticos semelhantes aos dos poetas metafísicos, como os franceses Tristan Corbière e Jules Laforgue (1989, p. 124).

Depois disso, os trabalhos sobre Donne e os metafísicos multiplicaram-se. Contudo, o relevo que originalmente se deu especialmente à poesia erótica de Donne – refletido no Brasil nas traduções de Augusto de Campos – foi sendo paulatinamente substituído pelo estudo dos aspectos religiosos de sua obra, o que se reflete, sobretudo, em suas biografias. John Carey assentaria na apostasia de Donne – e na culpa dali decorrente – o centro todo de sua obra, enquanto que John Stubbs, no recente *John Donne: the reformed soul*, mostraria a conversão de Donne como sincera, ressaltando Donne não apenas como um esplêndido poeta, mas também como um homem de princípios (2006, p. xxv).

Portanto, os sinos ainda dobram para Donne, e ainda há muito a ser investigado sobre sua ilha, agora parte importante do grande continente da literatura ocidental.

## Notas

1. Os “Inns Of Court” eram escolas de direito que recebiam muitos dos filhos das principais famílias inglesas, tanto de Londres como também do interior do reino.
2. Todos os poemas de Donne citados neste trabalho foram extraídos da obra *The complete English poems*, conforme edição de A. J. Smith, que moderniza a grafia original dos textos. Optamos por acrescentar a tradução dos poemas ao lado de sua versão original a fim de facilitar a leitura. A referência à autoria de cada tradução é indicada abaixo de cada excerto traduzido.
3. Tradução de Paulo Vizioli (in Vizioli, 1985, p. 43).
4. Tradução de Paulo Vizioli (in Vizioli, 1985, p. 17).
5. Tradução de Helena Barbas (in Donne, 1998, pp. 55-7).
6. A palavra “wit” não tem um correspondente exato em português, significando algo próximo a “engenho” ou “agudeza”. Preferimos assim, como de fato também faz a crítica brasileira: manter a palavra no original.
7. Entre os principais poemas religiosos de Donne, podemos citar os *Sonetos Sacros* e seus três hinos: “A hymn to Christ, at the author’s last going into Germany”, “Hymn to God, my God, in my sickness” e “A hymn to God the Father”.
8. Tradução de Afonso Félix de Sousa (in Donne, 1985, pp. 36-7).
9. Na hierarquia anglicana, deão é aquele religioso encarregado do comando de uma grande igreja ou catedral. Como a Catedral de Saint Paul era o principal templo da Inglaterra, podemos vislumbrar a importância do cargo de Donne, como também a sua rápida ascensão na Igreja da Inglaterra.
10. Optamos por apresentar os textos em prosa traduzidos ao longo do artigo, deixando o original para as notas. A grafia foi mantida conforme a edição de Neil Rhodes, que a mantém próxima ao original (Donne, 1987).

11. Tradução de Fabio Cyrino (in Donne, 2005, p. 102-5). Texto original: “No man is an island, entire of itself; every man is a piece of the continent, a part of the main. If a clod be washed away by the sea, Europe is the less, as well as if a promontory were, as well as if a manor of thy friend’s or of thine own were; any man’s death diminishes me, because I am involved in mankind, and therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee” (Donne, 1987, p. 126).
12. Tradução do autor do texto. Texto original: “Now this which is so singularly peculiar to him, that *his flesh should not see corruption*, at his *second coming*, his coming to *Judgement*, shall extend to all that are then alive, their *flesh shall not see corruption*, because... *wee shall not all sleepe,...*, but *wee shall all be changed*. In an instant we shall have a *dissolution*, and in the *same instant a reintegration*, a *recompacting of body and soule*, and that shall be truly a death and truly a resurrection, but no sleeping, no corruption. But for us that dye now and sleepe in the state of the dead, we must all passe this *posthume death*, this *death after death...*” (Donne, 1987, pp. 317-8).
13. Para Carey (1990), abandonar o catolicismo teria soado para Donne como “vender a sua alma”. Nesse sentido, muitas das obras de Donne – como os *Sonetos Sacros* – e ainda a sua posição favorável à unificação da cristandade seriam válvulas de escape a esse sentimento onipresente de culpa, que teria acompanhado o poeta e o feito duvidar da salvação de sua alma.

## Referências

- Brooks, Cleanth. “The language of paradox”. In: Clements, A. L. (ed.). *John Donne’s Poetry: authoritative texts/criticism*. New York: Norton, 1966.
- Bush, Douglas. *The early seventeenth century (1600-1660): Jonson, Donne and Milton*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 1990 (repr.).
- Carey, John. *John Donne: life, mind and art*. London: Faber and Faber, 1990.
- Doelman, James. “The accession of King James I and English religious poetry”. In: *Studies in English Literature, 1500-1900*, Vol. 34, 1994.
- Donne, John. *Poemas Eróticos*. Tradução de Helena Barbas. 2ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Meditações*. Tradução de Fabio Cyrino. São Paulo: Landmark, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The complete English poems*. (Introduction and notes by A. J. Smith). England: Penguin Books, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Selected Prose*. (edited with an introduction and notes by Neil Rhodes). London: Penguin Books, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Sonetos de Meditação*. Tradução de Afonso Félix de Sousa. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.
- Eliot, T.S. “Os poetas metafísicos”. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. São Paulo: Art Editora, 1989.
- Hadfeld, Andrew. “Literary contexts: predecessors and contemporaries”. In: Guibbory, Achsah (ed.). *The Cambridge Companion to Donne*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Haskin, Dayton. “Donne’s afterlife”. In: Guibbory, Achsah (ed.). *The Cambridge Companion to Donne*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Legouis, Pierre. “The Dramatic Element in Donne’s Poetry”. In: Gardner, Helen (org.). *John Donne: a collection of critical essays*. N. J.: Prentice-Hall, 1962.
- Maurois, André. *História da Inglaterra*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1959.

- Mazzeo, Joseph Anthony. "A Critique of Some Modern Theories of Metaphysical Poetry". In: Clements, A. L. (ed.). *John Donne's Poetry: authoritative texts/criticism*. New York: Norton, 1966.
- Nelson, Brent. "Pathopoeia and the Protestant Form of Donne's *Devotions Upon Emergent Occasions*". In: Papazian, Mary A. (org.). *John Donne And The Protestant Reformation: new perspectives*. Detroit: Wayne State UP, 2003.
- Regina, Giuseppe. *O Anglicanismo: Panorama Histórico e Síntese Doutrinária*. São Paulo: Paulinas, 1960.
- Sampson, George. *The concise Cambridge history of English literature*. U.K.: Cambridge University Press, 1999.
- Shawcross, John T. & Ronald David Emma. *Seventeenth Century English Poetry*. New York: J. B. Lippincourt Company, 1969.
- Stubbs, John. *Donne: the reformed soul*. London: Penguin, 2006.
- Vizioli, Paulo. *John Donne: o poeta do amor e da morte*. São Paulo: J. C. Ismael, 1985.
- Williamson, George. *The Proper Wit of Poetry*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- Winy, James. *A Preface to Donne*. London: Longman, 1973.